

## FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: TRANSITANDO ENTRE TEORIA E PRÁTICA SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADES

### *Eixo Temático 17* – Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade na Formação Docente

Sandra Regina de Oliveira Faustino<sup>1</sup>  
Jonas Alves da Silva Jr.<sup>2</sup>

#### RESUMO

O texto é um recorte da minha pesquisa de doutorado pela UFRRJ e buscou descrever o curso em gênero e sexualidades para professores socioeducativos de adolescentes em cumprimento de privação de liberdade e semiliberdade, dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Os achados empíricos surgiram das reflexões da 3ª roda de conversa e das postagens no 3º fórum do *WhatsApp*, chat do *Jitsi Meet* e caderno de campo. Foram úteis questionários, entrevistas e observações participantes. A pesquisa etnográfica contribuiu para os estudos de gênero e melhoria do diálogo acadêmico com os/as docentes. E, ainda, apontou para o silenciamento dos temas, preconceito, racismo, machismo e não laicidade. É imprescindível abordar os temas para desconstruir opressões e promover a igualdade nas relações humanas.

**Palavras-chave:** Formação Continuada, Gênero, Sexualidades.

#### INTRODUÇÃO

O texto apresentado é um fragmento da minha pesquisa de doutorado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), intitulada Formação Continuada de Professores Socioeducativos: descortinando narrativas docentes sobre gênero e sexualidades<sup>3</sup>. A motivação emergiu da minha participação em duas pesquisas anteriores Silva Jr. (2018) e Barros (2020). Os resultados de ambas investigações constataram a inabilidade dos profissionais abordarem as temáticas sobre gênero e sexualidades.

Esta averiguação é a questão da minha pesquisa e seu desenvolvimento foi a partir da elaboração do curso de Formação Continuada de Professores em Gênero e Sexualidades para docentes e licenciados/as que labutam nas unidades socioeducativas dos estados do Rio de

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pelo PPGEDUC da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, [sandrareginadef Faustino@gmail.com](mailto:sandrareginadef Faustino@gmail.com);

<sup>2</sup> Professor orientador: Pós-doutor em Educação, Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, [jonasa722@gmail.com](mailto:jonasa722@gmail.com).

<sup>3</sup> A pesquisa é fruto do meu doutorado, em curso, pelo Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC) da UFRRJ.

Janeiro e de São Paulo. Teve a oferta de 40 vagas, mas ao longo do curso de extensão ocorreram 12 desistências devido a vários problemas de saúde vindos pela contaminação da pandemia da Covid-19. Com isso, 28 cursistas concluíram o curso e receberam seus certificados de 40 horas de formação pela Escola de Extensão da UFRRJ.

Essa formação aconteceu em ambiente digital devido a pandemia da COVID-19 e foi realizada através de cinco rodas de conversas e cinco fóruns *online*. Destaco que esse curso foi provido pelo Laboratório de Estudos de Gênero, Educação e Sexualidades (LEGESEX), vinculado ao Instituto Multidisciplinar (IM) da UFRRJ.

A equipe executora contou com a coordenação geral do professor Dr. Jonas Alves, o suporte tecnológico ficou na responsabilidade do professor doutorando Luiz Otávio Luz, a formação teórica ficou a encargo de 8 professores pesquisadores – doutores, e mestres das universidades públicas brasileiras, e a mediação nos fóruns foi realizada por 12 tutores – das redes de ensino públicas e ativistas dos movimentos sociais membros/as do LEGESEX.

Foram minhas atribuições: o planejamento para a implantação do curso, a elaboração das diretrizes para a formação continuada, o acompanhamento processual das atividades, a assistência aos tutores, a concepção das chamadas motivadoras dos fóruns, a organização das reuniões com a equipe executora, o atendimento individual aos cursistas, a verificação de frequência, a confecção de certificados e a avaliação permanente ao longo do curso.

Acredito que a importância do tema norteador da minha pesquisa se justifica pela necessidade contemporânea de desmistificar e desconstruir preconceitos, discriminações e estereótipos que culturalmente se cria na sociedade sobre gênero e sexualidades.

Assim, abordagens críticas e reflexivas vindas dos conceitos basilares pensados pelos teóricos pós-estruturalistas dos Estudos de Gênero e Culturais como Connell (1995), Goffman (1975), Julião (2018), Louro (2001; 2008; 2010), Munanga (2010), Vainfas (1992) e Weeks (2010) que contribuem para a construção de valores e atitudes que possibilitem práticas antissexistas, antirracistas e/ou antiLGBTQIfóbicas.

Quero esclarecer que a elaboração do curso teve o objetivo primordial de coletar dados para compor a minha tese de doutorado. Elegi a análise das postagens dos/as cursistas de práticas e os saberes sobre gênero e sexualidades sob a ótica da interseccionalidade dos marcadores sociais da diferença como raça, classe, gênero, sexualidades, geração e território.

A parte que pincei do curso de extensão para conceber esse resumo foi a terceira roda de conversa sob o título **Gênero, sexualidade e privação de liberdade**: transitando entre a teoria e a prática. Selecionei algumas postagens realizadas pelos cursistas no grupo do *WhatsApp* para compor o texto.

A roda de conversa 3 provocou debate entre os interlocutores sobre normatividade, preconceito, não laicidade, machismo e racismo. Como guisa conclusiva, os/as participantes elegeram a falta de parcerias para ampliar suas ações e atividades pedagógicas.

## METODOLOGIA

O percurso metodológico foi realizado através da etnografia em ambiente digital. Esta metodologia é utilizada para descrever as minúcias de um grupo social através dos uso de um conjunto de técnicas para “coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos” (ANDRÉ, 1995, p. 24) de profissionais socioeducativos. Essa pesquisa é qualitativa. Fazenda (2010) avalia que a pesquisa qualitativa, empregada na área da educação, como a realizada para a captação dos sujeitos na sua realidade, ou seja, a descrição e compreensão destes sobre a sua experiência e pressupõe a relação direta do pesquisador da circunstância averiguada.

Conclui que a etnografia era a metodologia mais apropriada para realização do meu estudo, por ser docente e realizar pesquisa desde 2017 neste universo.

Com isso, as ferramentas adequadas para captar os dados foram as plataformas do *WhatsApp* e *Jitsi Meet* e o diário de campo. Já as técnicas úteis e próprias da etnografia foram três, a saber: a primeira, a observação participante contida nas interações e postagens dos interlocutores no chat da terceira roda de conversa e no fórum 3. A segunda, 6 entrevistas semiestruturadas junto aos/as profissionais com a intencionalidade de coletar dados sobre a estrutura organizacional dos dois sistemas estaduais. Por fim, a terceira, aplicação de questionário junto aos/as cursistas para traçar o perfil dos/as participantes.

Os achados foram organizados em blocos temáticos e analisados à luz de teorias pertinentes aos temas (ROMEU, 2016 apud MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2016).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A formação continuada em gênero e sexualidades apresentou na roda de conversa 3 o registro de 31 mensagens no chat e motivou 208 postagens no fórum 3, destes dois ambientes digitais foi que selecionei algumas postagens para serem discutidas.

Veja a importância do diálogo para abordar as questões que envolvem gênero e as sexualidades nas ações e práticas pedagógicas:

*O diálogo sobre as vivências das sexualidades e as questões de gênero na minha prática educativa se dá da maneira mais aberta possível [...]. A cada entrada de uma adolescente (trans, travesti, homossexual) é um novo aprendizado. Aprendemos na prática que gênero e atração (pelo outro) têm as mais diversas combinações, isso se torna um pouco confuso para a nossa cabeça, pois ainda estamos nos desconstruindo*

*a cada dia e evoluindo na tentativa de acompanhar as mudanças ou conhecer o que desconhecíamos. Na escola essas adolescentes não encontram entraves, isso se dá mais no ambiente do educandário [diversos espaços da unidade], no contato com xs agentes socioeducativos (postagem da professora Soraya).*

A partir das colocações da professora Soraya esclareço que o longo do tempo gênero tem se apresentado como uma variável instável histórica e culturalmente, retratando uma diversidade nos modos como as sociedades organizam diferenças sexuais (WEEKS, 2010 apud LOURO, 2010). Em outras palavras, gênero é uma estrutura com amplitude e complexidade que mantém uma relação intrínseca com as sexualidades (CONNELL, 1995), já que esta envolve as palavras, as imagens, o corpo e as fantasias em processos profundamente culturais e plurais (LOURO, 2001).

Trago a saga da interna transexual para mostrar seu trânsito em idas e vindas entre as unidades masculina e feminina, em ambos espaços não sabiam como acolhê-la.

*A primeira trans que entrou na unidade enfrentou uma barra! Foi resistência das meninas e dos profissionais (agentes), nesse caso que foi necessária a intervenção da equipe técnica. Houve uma série de rodas de conversas com a temática Gênero e Sexualidade, com alunas e profissionais. As meninas que se denominam lésbicas se recusavam a comer nos pratos coletivos, talheres... queriam [as adolescentes] tudo dela separado. Foi um horror. Por mais que conversássemos com elas, estavam irreduzíveis. Tentávamos sinalizar a reprodução da opressão, de nada adiantava. Depois de um tempo, com o desenrolar do trabalho, as conversas individuais, as rodas de conversas, os atendimentos técnicos... A realidade foi mudando e ela foi aceita pelas alunas. Já pelos profissionais, nem tanto! (Postagem da professora Suzana).*

Vale mencionar que este foi o primeiro caso na unidade socioeducativa que com o passar do tempo alguns/mas profissionais souberam como lidar com as diversidades sexuais.

Entretanto, o professor Silvino destaca que a não receptividade das temáticas será transponível através da formação permanente de todos os profissionais.

*Quando se começa a fazer algum movimento sobre essa temática os **pares** começam a se incomodar na tentativa de calar/neutralizar/interromper as abordagens, alegando que seria um estímulo à prática sexual... por isso, reforço em dizer que a **formação** permanente é uma grande possibilidade para a transcendência dessa questão (professor Silvino).*

As professoras Samanta e Stella, destacaram a religião como um entrave para as suas práticas pedagógicas. Destaca a importância da laicidade e a religiosidade normativa nestes espaços.

*Deveríamos já estar discutindo e avançando sobre questões como a própria questão da sexualidade, mas ainda estamos numa luta de promover algo que é ainda primário, que é a educação **laica** (postagem da professora Samanta).*

*Eu penso que a Lei é superimportante, mas que ela não encontra um nicho para ser aplicada. Na verdade, o ensino de gênero está nas diretrizes do SINASE. O problema*

*é que esbarramos nas pessoas, nos agentes, na direção, que geralmente envolvidos pela religiosidade normativa, sabotam a discussão. Eu tô querendo pensar em como quebrar essa barreira (postagem da professora Stella).*

A Constituição Federal de 1988 estabelece a laicidade no Brasil, neutro em matéria de assuntos religiosos e que deve tratar com isonomia as manifestações religiosas. No entanto, as instituições públicas, aqui em específico as escolas públicas não atende este ordenamento. Eis a contradição das escolas públicas, oficialmente laicas e efetivamente proselitistas no cotidiano. Com isso contribuem para a manutenção de rótulos e preconceitos baseados em dogmas cristãos que discriminam homossexuais, mães solas e outras pessoas (VAINFAS, 1992).

Em relação a homossexualidade, “os servidores dizem aos adolescentes que se votassem no Haddad teriam que conviver sempre com esses ‘tipos’ no Centro (postagem da docente Silvia). Guacira Lopes Louro (2008), que nos esclarece sobre os significados impostos pela norma a partir dos esquemas binários, inscritos e reinscritos nas práticas sociais e na cultura como saberes e discursos legitimados de forma simulada ou implícita, cotidianamente, reiterados pela família, escola, religião etc. como pedagogias contemporâneas.

O racismo institucionalizado foi detectado no discurso da professora Sofia ao postar um ocorrido no dia da realização da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) pelos alunos.

*Certo dia, acompanhei até a escola vinculadas três adolescentes pra realizar a OBMEP. Dois eram pretos e um branco. Uma professora efetiva da escola disse o seguinte: “Nossa aquele ali (adolescente branco) nem parece q é da Fundação, os outros dois sim, ele não, tão bonito, né?”. (Postagem da professora Sofia).*

O racismo é estrutural e estruturante da sociedade brasileira promove a desigualdade e exclusão. No caso destacado na postagem é classificado como racismo institucional por ter ocorrido dentro de espaço público (MUNANGA, 2010).

Tal opressão “estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias” (GOFFMAN, 1975, p. 12), tornando essas identidades inferiorizadas, deterioradas.

A pesquisa o Perfil dos Adolescentes e Jovens em Conflito com a Lei no Município do Rio de Janeiro (JULIÃO; BENISTI; MARCONDES, 2018) constatou que a maioria dos/as acautelados/as pelo Estado é negra. Esta averiguação me fez ver a necessidade de abordar gênero e sexualidades interseccionada a raça.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei descrever a importância da abordagem sobre a igualdade de gênero e a diversidade das sexualidades nas ações e práticas pedagógicas dentro das unidades socioeducativas dos sistemas dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Destaquei a não parceria e falta de apoio quando um/a profissional ou professor/a busca desenvolver os temas e a interferência da religião neste processo.

Em um resumo não cabe a riqueza das discussões de uma tese, mas provoca o diálogo a partir de debates e reflexões sobre gênero e sexualidades. Portanto, acredito minha pesquisa é importante para comunidade científica devido as discriminações e preconceitos existentes que reproduzem sofrimento as pessoas. Desse modo, creio que estudos posteriores serão necessários para desconstruir as opressões postas na atualidade.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Aline da Fonseca. **Gênero, Sexualidades e Corporeidade**: problematizações do corpo dentro do sistema socioeducativo do Rio de Janeiro. 2020. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2020.

CONNELL, Robert W. **Masculinities**. Cambridge: Polity Press, 1995.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes. A prisão como fenômeno urbano e a educação na política de execução penal. In: **Cartografia das experiências de políticas de educação para jovens e adultos nas prisões da América do Sul**. [Recurso eletrônico] Niterói, RJ: EDUFF / FAPERJ, 2020. — 5,5mb.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidades e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2022.

MUNANGA, Kabengele. Teoria Social e Relações Raciais no Brasil Contemporâneo. In: OLIVEIRA, Iolanda de; GONÇALVES, Maria das Graças; MÜLLER, Tânia Mara Pedroso (orgs.). **Cadernos PENESB** – Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na sociedade brasileira (FEUFF), n. 12, Niterói. Rio de Janeiro: Alternativa/EdUFF, 2010.



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

SILVA JR., Jonas Alves da. **Gênero, Sexualidades e Masculinidades em Instituições Socioeducativas**. Projeto de Pós-Doutorado. Universidade de São Paulo, USP, Brasil. São Paulo: 2018.

VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1992.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. *In: O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Guacira Lopes Louro (org.). [Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva]. 3. ed. Belo Horizonte – Minas Gerais: Autêntica, 2010.